

CONJUGALIDADES CONTEMPORÂNEAS: UM ESTUDO SOBRE OS MÚLTIPLOS ARRANJOS CONJUGAIS DA ATUALIDADE

Alunas: Vanessa Diniz da Silva, Polyana Figueira Rodrigues e Elisa Florim Chagas

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

Introdução

O atual momento social é descrito como uma era cujas mensagens e fenômenos são confusos, fluídos e imprevisíveis. Bauman [1] denomina esta era como “modernidade líquida” e compara o momento atual com o mundo darwiniano, onde o melhor e mais forte sobrevive. Neste mundo de sobrevivência, o relacionamento humano configura-se de forma efêmera. Os sentimentos são descartáveis, assim como os relacionamentos, em prol de uma sensação de segurança. Assim, a sociedade contemporânea enfrenta um paradoxo. A fragilidade do laço e o sentimento de insegurança inspiram um conflitante desejo de tornar o laço intenso e, ao mesmo tempo, deixá-lo desprendido.

Giddens [2] afirma que o compromisso e a história compartilhada devem proporcionar algum tipo de garantia aos parceiros de que a relação será mantida por um período indefinido. No entanto, ele contrapõe esta idéia com o contexto social contemporâneo. Postula que o casamento não é mais considerado como uma “condição natural”, e que a relação é durável enquanto houver satisfação suficiente.

Na clínica temos nos defrontado, cada vez mais, com os temas da relação amorosa, do casamento, da separação e do recasamento, contidos na demanda de psicoterapia dos indivíduos, dos casais e das famílias. Temos encontrado também um número, cada vez maior, de diferentes modos de vivenciar a relação amorosa em diversos arranjos conjugais. Investigar a formação destes diferentes arranjos, mapeando as concepções dos mesmos e o modo como os sujeitos neles inseridos interagem, permitirá uma compreensão aprofundada dos diversos temas relacionados a tais configurações [3].

Objetivo

O objetivo geral deste projeto é desenvolver um estudo sobre as conjugalidades contemporâneas, buscando conhecer os diferentes arranjos conjugais presentes na atualidade. Temos como objetivos específicos: a) mapear conceitualmente tais arranjos, identificando os fatores que os sujeitos neles envolvidos indicam como definidoras dos mesmos; b) comparar as visões de homens e mulheres heterossexuais e homossexuais a respeito de tais configurações, buscando identificar semelhanças e diferenças entre elas; c) subsidiar a clínica individual, de casal e de família frente à demanda de atendimento dos sujeitos envolvidos nestes diferentes tipos de arranjos.

Metodologia

Para atingirmos os objetivos propostos, estamos desenvolvendo este projeto utilizando uma metodologia qualitativa, centrada em entrevista semi-estruturada que contempla temas relevantes concernentes aos múltiplos arranjos conjugais contemporâneos.

A amostra de conveniência foi constituída de 85 sujeitos, das camadas médias da população carioca, com idades entre 20 e 50 anos, sendo 40 homens (29 heterossexuais

e 11 homo/bissexuais) e 45 mulheres (32 heterossexuais e 13 homo/bissexuais), distribuídos nos seguintes arranjos conjugais: poliamor, recasamento, casamento em casas separadas, namoro, “ficar”, noivado, casamento civil, união estável/coabitação.

Os resultados encontrados, submetidos à análise de conteúdo, estão sendo discutidos a partir da literatura revisada dos campos da sociologia, da antropologia, da psicologia social e da psicanálise de família, visando a atingir os objetivos formulados e a levantar questões para futuras investigações. Até o momento, análises parciais foram realizadas com três dos oito arranjos conjugais que estão sendo estudados, a saber: “ficar”, poliamor e noivado.

Conclusões

Análise de correspondência: resultados parciais

A análise de correspondência entre os arranjos conjugais e as seis condições que caracterizam os participantes da pesquisa (gênero em dois níveis e orientação sexual em três níveis), está sendo realizada com 84 sujeitos distribuídos conforme exposto no quadro abaixo:

SUJEITOS ENTREVISTADOS

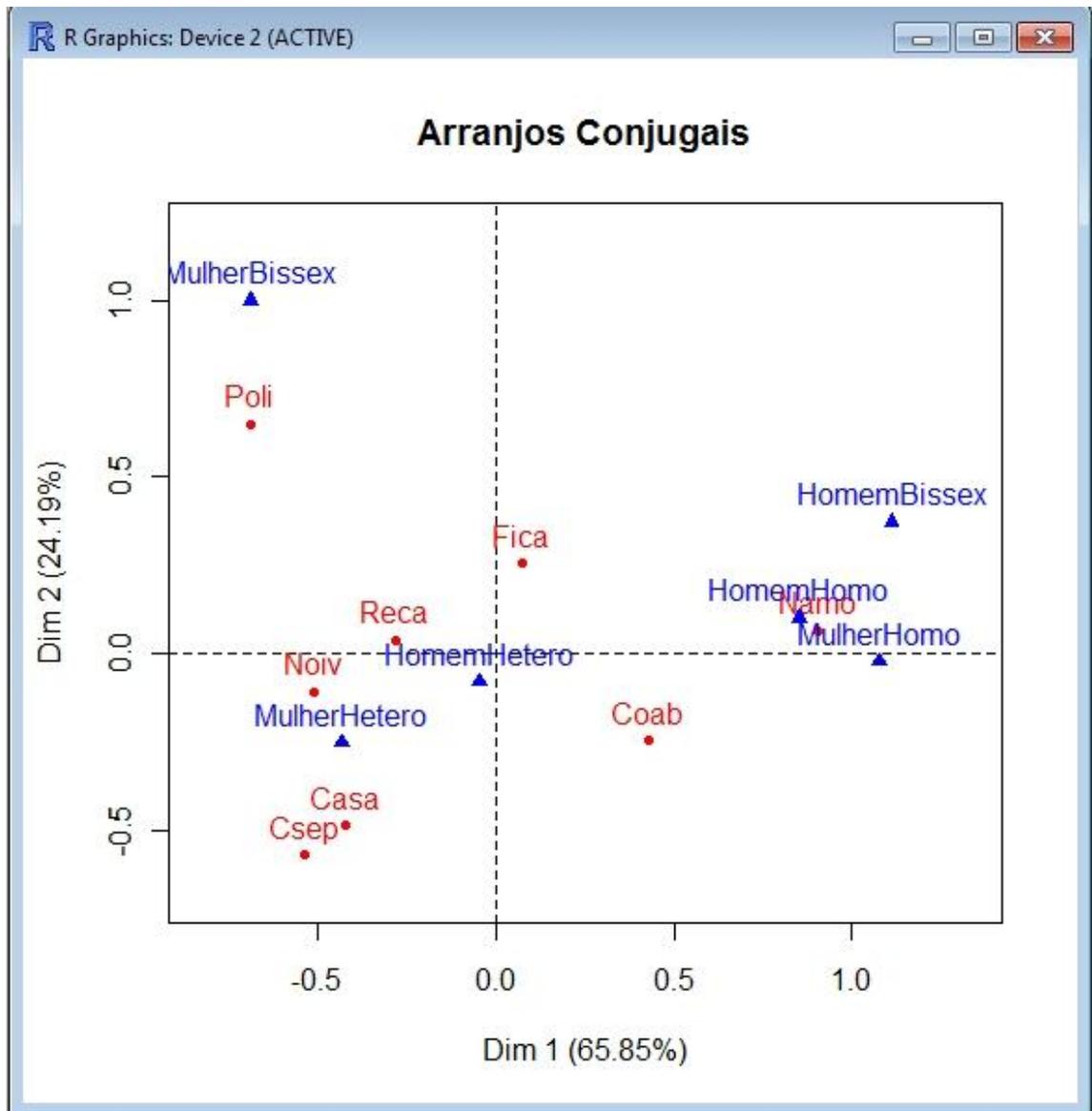
ARRANJOS CONJUGAIS	Homem			Mulher			
	Hetero	Bissex	Homo	Hetero	Bissex	Homo	
Fica	4	1	2	4	2	1	14
Namo	6	2	2	10	0	3	22
Noiv	4	0	0	4	1	0	9
Coab	3	0	2	3	0	2	11
Casa	4	0	0	4	0	0	8
Reca	3	0	1	3	1	0	9
Csep	2	0	0	4	0	0	6
Polia	3	0	0	0	3	0	6
	29	3	8	32	7	6	85

Nota: *Fica*, “ficar”, *Namo*, “namoro”, *Noiv*, “noivado”, *Coab*, Coabitação e união estável, *Casa*, “casamento (primeiro)”, *Reca*, “recasamento”, *Csep*, “casamento em casas separadas” e *Polia*, “poliamor”.

Independentemente do propósito inicial dos pesquisadores, vários entrevistados insistiram em se classificar com denominação diferente daquela pela qual foram recrutados. Por exemplo, uma das três mulheres homossexuais entrevistadas na condição de arranjo conjugal “namoro” (célula “namoro/mulher-homossexual”) apresentou na entrevista claros sinais de que a dinâmica da relação sugeria a mudança para o arranjo “coabitação/união estável”. Observa-se ainda que no arranjo “casamento” (frequência “4 0 0” nas colunas, tanto para os homens quanto para as mulheres) e no arranjo “coabitação/união estável” (frequência “2 0 0” nas colunas para os homens e frequência “3 0 0” nas colunas para as mulheres) nenhum dos entrevistados se apresentou como bissexual ou como homossexual. Em contraste, verifica-se que no arranjo “noivado” uma das mulheres entrevistadas se apresentou, inesperadamente, como bissexual (célula “noivado/ mulher-bissexual”).

Temos, assim, uma surpreendente migração não-esperada dos entrevistados colocando-se em células para as quais não foram “a priori” designados. Essa auto-

designação tem sido na maior parte das vezes respeitada. Esse “desequilíbrio” passou a fazer parte da pesquisa e passa aqui a ser considerado como um dado adicional.



Nota: Análise de correspondência processada no ambiente “R” por meio do pacote “FactoMineR”, conforme Husson, Lê, e Pagès [4].

O resultado da análise de correspondência é apresentado em um mapa cuja distância euclidiana relativa entre pontos informa sobre a estrutura de covariância (influência dos arranjos conjugais nas linhas, sobre as classificações homem/mulher, heterossexual/bissexual/homossexual nas colunas, e vice-versa). O termo “análise de correspondência” vem do fato de se analisar uma tabela colocando-se em correspondência dois conjuntos, aquele representado pelas linhas (os arranjos conjugais, no nosso caso) e aquele representado pelas colunas (as duas classificações dos entrevistados como homem ou mulher, e como heterossexual ou bissexual ou homossexual).

O eixo do primeiro componente latente, na posição horizontal, “explica” 66% da inércia (ou variância), segundo a decomposição dos *eigenvalues* (ou valores próprios) e

cruza com o eixo do segundo componente latente, na posição vertical que, por sua vez, “explica” 24% da inércia (ou variância) restante após a extração do primeiro componente. O cruzamento dos dois eixos, indicando a origem de ambos, é referido como o centro de gravidade da tabela, equivalente à média de ambas as dimensões [5].

Verifica-se que os arranjos casamento e casamento em casas separadas, noivado e recasamento estão mais próximos das condições “mulher heterossexual” e “homem heterossexual” do que de quaisquer outras condições.

Dessa forma, o “design” original da pesquisa, com algumas modificações contingentes impostas pelos próprios sujeitos entrevistados, já informa sobre a estrutura dos arranjos conjugais contemporâneos. Algumas explicações teóricas se oferecem em princípio. Como, por exemplo, no caso do arranjo “poliamor”, no qual os três homens entrevistados se dizem heterossexuais, contrastando com as três mulheres entrevistadas se dizendo bissexuais. Tais resultados confirmam dados da literatura que ressaltam que as mulheres mostram mais adesão e maior flexibilidade em relação às mudanças e aos novos valores contemporâneas do que os homens [1] [6] [2] [7].

Análise de Conteúdo: Resultados Parciais

Em relação à análise de conteúdo, até o momento, análises parciais foram realizadas com três dos oito arranjos conjugais que estão sendo estudados, a saber: “ficar”, noivado e poliamor.

Análises parciais referentes ao arranjo “Ficar”

As entrevistas dos sujeitos deste arranjo, independentemente da opção sexual, idade ou gênero, apontaram a prevalência de um descomprometimento em relação ao parceiro. Aspectos como a frequência ou a não repetição dos encontros, assim como fidelidade e afeto em relação ao parceiro, dependeriam das experiências que os sujeitos buscam nesse tipo de relação.

A maioria dos entrevistados, no que diz respeito à pergunta central da pesquisa – *Como você vê as relações amorosas hoje?*– identificaram as relações amorosas hoje como flexíveis e dissolúveis.

Apontaram que o atual momento dos relacionamentos amorosos é atravessado pela descartabilidade das relações, e por um desinteresse de que se construa algum tipo de vínculo. Alguns dos entrevistados evidenciaram uma transformação sociocultural entre a “arquitetura” dos relacionamentos conjugais antigos e os contemporâneos, pois ao definirem *as relações amorosas hoje*, marcaram uma diferença acerca da representação de tais relações.

“Antigamente durava mais porque as pessoas, não sei, ou as pessoas tinham mais medo de acabar ou respeitavam mais o relacionamento. Hoje em dia é mais fácil de acabar. Não existe tanto vínculo. É muito fácil acabar com um casamento, um namoro, qualquer tipo de relacionamento que você tenha”. (Ficar, mulher, hetero, 27 anos)

“Bom pelo convívio que eu tenho... as relações... pelo menos dos meus amigos, é muito assim, não é coisa fixa, é mais assim pra se satisfazer, é uma relação pra ter auto-prazer. Assim não, não busca assim a junção e...ter expectativas futuras durante esse relacionamento, criar assim. Hoje em dia isso se perdeu”. (Ficar, homem, hetero, 22 anos)

“Banal. Ninguém quer nada com nada, é só uma noite e nada mais (...) As pessoas não querem mais compromissos, as pessoas querem só curtir, querem uma noite e agora até a parte feminina tá tomando o lado masculino, porque anteriormente os homens saíam, ficavam com várias mulheres, e não trocavam telefone nem nada e hoje em dia; algumas mulheres, pode-se

dizer muitas mulheres estão fazendo a mesma coisa, estão tomando a posição masculina de tomar a decisão”. (Ficar, mulher, hetero, 34 anos)

Para Goldenberg [8], o grande marco da liberação sexual da mulher foi o aparecimento, em 1960, da pílula anticoncepcional, que permitiu realizar socialmente a dissociação entre sexualidade e procriação, instaurando-se uma “nova mulher” que poderia exercer sua sexualidade, para além dos limites do casamento, em busca do prazer sexual individual.

No que diz respeito à *história da relação atual*, foi possível perceber em alguns relatos a indicação das vantagens e desvantagens deste tipo de arranjo. No primeiro momento, os sujeitos apontaram o sentimento de liberdade, “curtição”, satisfação, prazer, entre outros aspectos, como uma vantagem; e no segundo momento, apontaram o sentimento de solidão e carência como uma desvantagem.

“Eu não tenho nenhum relacionamento fixo, na verdade. Tô ficando com algumas pessoas, tipo, pegando geral, hehehe. Tô vivendo a minha fase solteira, uma coisa que para mim é novidade por que eu casei muito nova e não tinha liberdades (...). Então agora eu tô vivendo uma fase adulta e solteira pela primeira vez na minha vida, aos vinte e sete anos. Então, tudo pra mim é novidade. Ao mesmo tempo em que é bacana, que eu gosto, que é legal, né? Não preciso dar satisfação pra ninguém... mas eu não gosto de ficar sozinha não, eu gosto de ter uma pessoa certa e espero que isso aconteça logo.” (Ficar, mulher, hetero, 27 anos)

“Assim, você, você bebe e tá aquela coisa envolvida, tá aquele momento legal, com a pessoa, porque agora isso pra mim tem mudado um pouco, por que antes eu só ficava uma noite, e geralmente eu prefiro dependendo de com quem eu me encontro ou da idade. E às vezes, fico cinco dias, quatro dias, o que não é normal, mas é por causa daquela afeição. Por que você sente carência, você tem necessidade de ter alguém pra fazer carinho e elogios pra você entendeu”. (Ficar, mulher, hetero, 34 anos)

Estas falas confirmam dados da literatura que apontam para a insatisfação dos sujeitos com a insegurança e a descartabilidade das relações hoje. Segundo Bauman [1], os indivíduos na sociedade contemporânea estão desconfortáveis por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio com quem possam contar num momento de aflição, desejosos por se relacionar.

Observa-se também nas falas dos entrevistados uma característica importante referente à flexibilidade, pois a relação pode assumir uma “tonalidade” diferente de acordo com o investimento afetivo e o interesse de cada um. Deste modo, o “Ficar” poderia ser delineado a partir das expectativas que cada um tem frente a sua singularidade. O que pode ser relacionado com as denominadas “relações de bolso”, nas quais o sujeito guarda o outro no bolso de modo a poder lançar mão dele quando for necessário [1].

Nesta perspectiva, identificamos duas formas de “funcionamento” deste arranjo: na primeira, os sujeitos o “adotaram” como um método de não se envolver com o outro, uma forma de não assumir um namoro ou quaisquer comportamentos afetivos que sugiram um envolvimento mais “sério”.

“O ficar pra mim se tornou uma coisa normal, porque eu não quero me apegar a ninguém. Não vejo essa necessidade”. (Ficar, mulher, 34 anos, hetero)

“Atualmente, tem um mês que eu tô saindo com um menino. Assim, eu gosto dele, ele é uma pessoa super legal e tal, mas eu não quero namorar. Eu não sou uma pessoa assim, pra mim é uma responsabilidade, namoro é uma coisa muito séria”. (Ficar, homem, 24 anos, homo)

“Eu acabei de terminar um namoro de três anos e sete meses, então eu prefiro ficar ficando do que namorar alguém e ter várias decepções como eu tive da outra vez”. (Ficar, mulher, 22 anos, hetero)

Na segunda forma, o “ficar” - embora seja uma relação marcada pelo sentimento de descomprometimento - funcionaria como uma espécie de *teste drive*, de um processo preparatório para o namoro. Contudo, os sujeitos têm dificuldades ao definir essa transição do “ficar” para o namoro.

Bauman [1] aponta que, no cenário líquido da vida moderna, os relacionamentos amorosos talvez sejam os representantes mais comuns da ambivalência, como ocorre no “ficar”, ou seja, ora os indivíduos buscam uma relação instável, ora um meio de estabelecer um vínculo duradouro.

“Eu perguntei pra ele se a gente era namorado e ele disse que não sabia, mas que tava se comportando como tal. Pra mim, isso é válido. É claro que a gente quer dizer ‘meu namorado’, mas enfim, se ele tá se comportando e se portando como tal já é bem válido assim. É o que tá rolando entre a gente no momento”. (Ficar, mulher, 27 anos, hetero)

“Tem um mês e pouquinho, e assim, pelo que eu percebo, é um namoro que pretende um futuro né, não é uma coisa de só ficar, é algo mais. (...) Não teve isso, na verdade não teve, a gente achou que a relação tava legal, tava boa, assim, e a gente decidiu assim. Não foi nada, ah vamos namorar. Não, foi uma coisa espontânea. Estamos namorando, então tá, estamos”. (Ficar, homem, 22 anos, hetero)

No que se refere à *nomenclatura* usada pelos sujeitos, percebemos uma “teia de significantes” que parecem alinhar de alguma forma aquilo que na prática é indefinido e instável. Estas nomeações se cruzam entre os termos do português e outras línguas, gírias, modismos e neologismos que exprimem a dificuldade que o indivíduo encontra ao definir sua experiência.

“Rolo. Hehehe. Eu tenho uma amiga que me disse uma frase muito engraçada: ‘é lance, não é romance’. Hehehe. Então eu tô denominando mais ou menos assim”. (Ficar, mulher, 27 anos, hetero)

“A gente tá junto, mas acho que evoluindo pra um namoro. Risos. (...) Eu tive três namorados sérios de apresentar pra família e outros ‘penduricalhos’ assim que não dá pra chamar de namoro, propriamente dito. (...) Eu acho que eu tive muitos ‘penduricalhos’ que eu gostaria que fossem namoros, mas fingia que não queria porque sabia que a pessoa não queria se envolver e nunca mostrei que eu queria namorar, que era isso que eu queria com ele”. (Ficar, mulher, 29 anos hetero)

“Como dizem os jovens: tô ficando”. (Ficar, mulher, 34 anos, hetero)

“En passant, de repente, en passant, qualquer coisa do gênero que simbolize uma coisa curta, um período curto. Mas o nome científico não tem”. (Ficar, homem, 24 anos, hetero)

“Não é um namoro. Porque o namoro é quando você chega pro outro e diz: “e aí, vamos namorar?”. Então pra mim, namoro é a partir do momento que existe uma conversa a respeito. Eu e a P., a gente está saindo, está se conhecendo”. (Ficar, mulher, 28 anos, homo)

“Bom, eu acho que daria o nome de “experiência, pelo menos foi o que todas foram até agora. Acho, ou não, não sei (risos)”. (Ficar, homem, 20 anos, bissexual)

“Sem compromisso, é uma relação aberta, cada um pro seu lado. Se encontra, curte, quando não dá também, não faz a mínima diferença. Uma coisa vazia”. (Ficar/ Relação aberta, homem, 36 anos)

No que se refere às *coisas mais importantes da relação*, os entrevistados que se sentem descompromissados com o outro apontaram que a auto-satisfação, o prazer e a diversão são pontos-chave desse tipo de arranjo.

“Nenhum. Eu acho que é só um momento. É uma satisfação. (...) É sexual, nada mais.” (Ficar, mulher, 34 anos, hetero)

“Mesmo num esquema de ficar tem que ter diálogo. Diálogo e diversão são as coisas que vieram na minha cabeça agora. Diversão e respeito, pô! Respeito e vontade”! (Ficar, homem, 24 anos, hetero)

Entretanto, para aqueles que consideram o “ficar” como um processo “preparatório” para o namoro, observamos o uso de termos mais afetivos, além de um sentimento de companheirismo ao falar sobre o assunto.

“Então, como eu disse, a lealdade com você mesmo e com o outro. Também o respeito, o carinho, a amizade. Acho que você tem que ter prazer em estar junto com aquela pessoa”. (Ficar, mulher, 28 anos, homo)

“Ah, ele é uma companhia agradável, é uma pessoa legal, divertida. A gente tá se conhecendo”. (Ficar, homem, 24 anos, homo)

“Ah... ele é uma boa companhia. A gente tem muita honestidade, sinceridade, um com o outro, sabe? Carinho também... ele é um cara bem bacana!” (Ficar, mulher, 28 anos, hetero)

“Cara tem que ter muita confiança em você mesmo e no outro. Porque não depende só, por exemplo, eu vou confiar no outro e não vou confiar em si mesmo. Porque se você não confiar em si mesmo, acaba não confiando na outra pessoa, é a mesma coisa”. (Ficar, homem, 22 anos, hetero)

No eixo *dinheiro na relação*, percebemos que há, quase sempre, uma divisão das contas. Tal aspecto parece ser um reflexo da independência e da individualidade que os parceiros desse arranjo mantêm.

“Cada um paga suas coisas, quando a gente sai é assim”. (Ficar, mulher, 23 anos, hetero)

“Aí ela: ‘vamos na boate?’ ‘Vamos!’ Eu paguei mas não paguei pra ela, não tem isso não. Paguei o meu. Era uma boitezinha tipo aquela 00. Não é ruim não, cara”. (Ficar, homem, 24 anos, hetero)

“Às vezes eu pago, às vezes ela paga. Não tem meu, seu, sabe? É normal, vamos comer uma pizza, ir no cinema, sem mesquinharia. Ela é do meu nível social, econômico, então, as coisas ficam meio a meio...” (Ficar, homem, 36 anos, hetero)

Foi possível perceber uma diferença no que diz respeito ao *nome do sentimento*, em relação aos que “ficam” e aos que estão “ficando”. Os sujeitos que “ficam” associaram suas experiências a momentos de satisfação pessoal e momentânea.

“Apesar da individualidade da proposta desse tipo de relacionamento, não há um interesse de se realizar sozinho. É uma vontade de satisfazer a ambos. Da minha parte pelo menos é assim. Eu não quero só o meu prazer, se não, não tem graça. Então é interesse, troca, troca, prazer, troca... prazer”. (Ficar, homem, 24 anos, hetero)

“Mas acho que, geralmente, os sentimentos que me vêm quando eu fico com alguém, é no mínimo uma paixão, uma atração enorme e uma admiração”. (Ficar, homem, 20 anos, bissexual)

“Não existe sentimento, é uma coisa que vai acontecer por que as pessoas, geralmente, elas não moram aqui entendeu? Então elas estão aqui e vão embora. Então de repente é a ultima noite delas aqui, entendeu?”(Ficar, mulher, 34 anos, hetero)

Aqueles que estão em um processo de pré-namoro, os que “estão ficando”, identificaram sentimentos que sugeriram uma maior proximidade, investimento e afeição em relação ao parceiro.

“Carinho, amor, eu posso dizer que eu to gostando, ainda não é aquele amor forte e firme que a gente sente, mas é... acho que o sentimento também se constrói”. (Ficar, homem, 22 anos, hetero)

“Ah eu gosto dele, e ele gosta de mim também. Até já falei de brincadeira: Ah você que ir embora, não que ficar comigo, você não gosta de mim... aí ele falou: não imagina. A gente gosta muito um do outro, porque a gente era muito amigo antes”. (Ficar, mulher, 23 anos, hetero)

“Então, como eu disse, a lealdade com você mesmo e com o outro. Também o respeito, o carinho, a amizade. Acho que você tem que ter prazer em estar junto com aquela pessoa”. (Ficar, mulher, 28 anos, hetero)

A fidelidade apareceu no discurso da quase totalidade dos sujeitos no sentido de que só seria concretizada a partir do momento em que os parceiros estipulassem um acordo, estabelecendo um compromisso. Conforme Bauman [1], investir fortes sentimentos na parceria e fazer um voto de fidelidade significaria, na atualidade, correr um alto risco de um parceiro ficar dependente do outro na relação.

“Eu já fiquei com outras pessoas, mas eu só tenho ficado com ele. Mas não tem um acordo explícito, nunca conversamos sobre isso”. (Ficar, mulher, 23anos, hetero)

“Bom, cara... é uma questão... uma questão. Eu acho que a partir da promessa de fidelidade a pessoa tem que ser fiel. Fidelidade é uma questão de compromisso”. (Ficar, homem, 24 anos, hetero)

“Ah fidelidade pra mim não existe! E eu fico muito triste quando o cara acha que realmente me apaixonou, quando eu digo aquelas coisas assim de álcool”. (Ficar, mulher, 34 anos, hetero)

“A gente tá ciente do que a gente tá vivendo. Tá bom pra ela, tá bom pra mim. E se amanhã eu for pra “night” e bater de cara com ela e outro cara, eu vou cumprimentar, passar direto e não vou cobrar nada, até porque eu não tenho o direito de cobrar”. (Ficar/Relação aberta, homem, 36 anos, hetero)

“Não existe acordo. Acordo nenhum. A única coisa que ele falou, que ele pediu pra mim é que se a gente sair junto, tipo a gente vai pra uma boate juntos, pra ficar só com ele e não ficar com mais ninguém na frente dele. Nesse ponto, eu sou o contrário dele. Como a gente não tem nenhuma responsabilidade um com o outro, se ele quisesse ficar com alguém e me contasse, eu levaria na boa, aconteceu uma coisa assim”.(Ficar, homem, 24 anos, homo)

Nas entrevistas, verificamos que há relacionamento sexual no arranjo “ficar”, tanto entre os que “ficam” como entre os que “estão ficando”. Os entrevistados afirmam que o envolvimento sexual ocorre independentemente do investimento emocional com o parceiro. Para Guiddens [2], o comportamento sexual deve ser compreendido considerando-se as circunstâncias em que a experiência sexual torna-se mais livremente disponível do que nunca foi anteriormente, e em que a identidade sexual forma uma parte central da narrativa do eu.

“O sexo...Ah é tudo ótimo (risos), sem obrigações melhor ainda (risos)”. (Ficar, mulher, 23 anos, hetero)

“Tem situações em que é melhor ir pro motel, tem vezes que é melhor em casa, no lugar que der acontece. Tudo depende de uma iniciativa. Se você estiver a fim de ter uma relação sexual na noite que você sair você vai conseguir. Vai! Mas também se você não estiver a fim e não fizer nada, não. Depende da atitude”.(Ficar, homem, 24 anos, hetero)

“Não tem como não ter sexo, né? Tenho relação, sim, bastante. Pra mim é uma coisa necessária. Você pode fazer sexo com amor e é bom, mas sexo pelo sexo é bom também”. (Ficar, mulher, 28 anos, homo)

“Várias vezes. Risos. Sempre foi muito bom, desde a primeira vez. A gente tem muita química, é tranquilo”. (Ficar, homem, 24 anos, homo)

No eixo *vida social*, os entrevistados mostraram que existem poucas, ou nenhuma, atividades que insiram os parceiros. Isto seria esperado tendo em vista a falta de comprometimento e a liberdade presentes na própria definição do “ficar”.

“Muito difícil sair com quem fico. Quando eu fico é mais para saciar uma vontade de estar com alguém, fazendo um carinho, qualquer coisa, sei lá, esse negócio de “vamos no museu” até rola, mas não é freqüente não. Eu não faço isso já tem um tempo, já deve ter uns três anos”. (Ficar, homem, 24 anos, hetero)

“A gente se liga só pra se encontrar. Não sei o que ela faz durante a semana e ela, muito menos, o que eu faço também. Não. Sinceramente a gente não tem nada em comum”. (Ficar/Relação aberta, homem, 36 anos, hetero)

“Ah, a gente, tipo assim, quando eu namorava, eu falava todo dia, tinha aquela obrigação, mas hoje em dia não, nessa relação não. A gente se fala, sempre quando ele me liga realmente é uma surpresa, fico feliz”. (Ficar, mulher, hetero – 23anos).

Neste tipo de arranjo, os sujeitos também não apresentam expectativas quanto a *planos para o futuro* com o parceiro, pelas mesmas razões relacionadas às características do “ficar”.

“Nunca falamos de nada, não mesmo. Eu acabei de sair de um relacionamento, e logo comecei ficar com ele, aí eu não quero namorar (risos)”. (Ficar, mulher, 23 anos, hetero)

“Mas eu estou saindo com a pessoa e está bom assim. Pode ser que a gente namore, sim. Mas eu estou gostando de como está porque está tranquilo. Agora, tem gente que eu já fiquei e não tive expectativa nenhuma. Foi aquela vez e acabou”.(Ficar, mulher, 28 anos, homo)

“Não. Sinceramente, não. Até agora não. Também não vou cuspir pro alto, sabe? Vai que amanhã eu descubro que ela é a mulher da minha vida e me apaixono por ela... Mas, no momento, vivendo uma dia após o outro”.(Ficar/Relação aberta, homem, 36 anos, hetero)

Quando indagados sobre a reação das famílias face aos seus relacionamentos, os “ficantes” relataram que os familiares têm pouco ou nenhum contato com seus parceiros, sendo indiferentes a esse tipo de relação. Alguns dos sujeitos mostraram-se desconfortáveis quanto a apresentar o “ficante” para a família, pois, a partir do momento em que isto acontece, instaura-se um comprometimento e uma formalidade próprias do namoro.

“A minha família sabe que eu tenho uma pessoa mas não a conhece ainda. A minha família conhecia a minha ex-namorada e, assim como eu, não gostaram do término da relação” (Relação aberta, homem, 36 anos, hetero)

“As minhas irmãs sabem, meu pai não, porque os pais fazem muitas perguntas, enche o saco. Pras minhas irmãs eu conto tudo”. (Ficar, mulher, 23 anos, hetero)

“Aaah, não me enche o saco, não fica me perguntando com quem que eu to saindo, o quê que eu ando fazendo, o que eu ando comendo, qual é a situação. Não pergunta nada disso não”. (Ficar, homem, 24 anos, hetero)

Foi possível perceber uma grande similaridade nos discursos dos sujeitos deste arranjo, sem distinção de gênero, faixa etária e opção sexual, exceto daqueles que aspiravam ao namoro. Provavelmente tais resultados se justificam tendo em vista a própria natureza do “ficar”, que é definido como um relacionamento sem compromisso, instável e descartável [9].

Análises parciais referentes ao arranjo “Noivado”

Quando interrogados sobre *as relações amorosas* hoje, os sujeitos deste arranjo, assim como os do arranjo anteriormente apresentado, as descreveram como efêmeras, banalizadas e descartáveis.

“E acho que o amor, o caráter tá ficando mais em segundo plano. Acho que os relacionamentos também estão terminando muito fácil, muito rápido, as pessoas tão sem tolerância umas com as outras... , acho que por isso que não dura muito né, porque também tá tão fácil. Você chega ali e encontra uma pessoa, e fica com uma aqui e outra ali. Acho que por isso que ninguém pára com ninguém... Acho que pela facilidade de você estar encontrando... Você vai num barzinho hoje, assim tem várias mulheres dando mole pra vários homens... mas as mulheres também não tão se valorizando... os valores morais eu acho que se perderam muito.” (Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

“Bem, eu acredito que hoje em dia é... a parte efetiva do relacionamento que deve existir já está muito banalizado né. As pessoas hoje estão ficando por ficar, namorando por namorar... As pessoas hoje em dia não estão ligando. Hoje em dia as mulheres estão se jogando pra cima dos caras e estão querendo muito mais saber de sexo do que os próprios caras, entendeu. Pelo menos é o que eu vejo hoje em dia. Elas se jogando pra cima deles e fazendo sexo por fazer.” (Noivado, mulher, hetero, 22 anos).

“Acho as relações efêmeras, mas acho que a maioria ainda nutre um desejo de ter um relacionamento pra vida toda e o companheirismo, mas assim, a verdade é que as pessoas acreditam nisso, mas elas são efêmeras, elas acabam sendo efêmeras, eu também, gostaria de ter por mim um relacionamento pra vida toda tanto que eu tô me casando, só que eu vou fazer de tudo pra que siga assim, mas eu acho que carece cada vez mais de modelos de casamento pra vida toda.” (Noivado, mulher, bissexual, 27 anos).

“Hoje...eu vejo as relações amorosas hoje, praticamente muito difícil de acontecer. Porque hoje em dia as pessoas não têm mais interesse de ficar bastante tempo junto, as pessoas estão juntas, amanhã já não estão mais. Não há mais aquele interesse das pessoas em ficarem juntas, formarem uma família. Hoje em dias as pessoas ficam juntas e amanhã não quero mais, passou, já to com outro. E hoje em dia tá muito difícil porque ninguém é de ninguém, é o que dizem por aí.” (Noivado, homem, hetero, 24 anos).

“Hoje em dia é bem diferente do que era antes, antes não tinha aquela coisa de ficar, sem compromisso, você saía com a pessoa e porque você já estava namorando. Hoje em dia eu acho que esta questão do relacionamento, do conhecimento, ao conhecer uma pessoa a gente está assim, mais livre. As coisas estão mais fáceis, as pessoas estão mais acessíveis.” (Noivado, homem, hetero, 24 anos).

Apenas uma entrevistada relata que as relações hoje são cerceadas por tabus e preconceitos culturais, como os papéis de homens e mulheres, por exemplo.

“Eu acho que as relações amorosas hoje em dia elas são muito amarradas de todos os lados... a mulher eu acho que ela foi criada socialmente, culturalmente pra unir, manter a unidade da família, né. E o homem sempre foi criado culturalmente pra prover, sustentar, né. Então a gente vive com isso na cabeça entendeu... Então a gente fica sempre preso a esse molde de relacionamento. Eu acho. (Noivado, mulher, hetero, 28 anos).

Com relação às coisas que fazem juntos e separados uma entrevistada afirmou que as saídas pra se divertir são todas juntas, nunca são separadas, com exceção de cursos e trabalhos. Esta fala pareceu ter sido fortemente influenciada pela religião evangélica da entrevistada.

“A gente não tem essa idéia que outras pessoas pensam. Ah! Pode sair sozinho. Não, com a gente não tem isso. A gente sai juntos... Então não tem esse negócio de eu vou sair com fulano e você vai ficar em casa entendeu, não. Quando a gente sai, a gente sai, todo mundo junto... Às vezes quando eu vou comprar alguma coisa, eu faço coisa separada. Não é 24 h junto que não dá. Mas em relação a saídas, para se divertir, isso a gente faz tudo junto, sempre junto.” (Noivado, mulher, hetero, 22 anos).

Outros entrevistados disseram que na maioria das vezes fazem coisas juntos, mas também há momentos individuais. Eles destacam a importância da individualidade de cada cônjuge e suas possibilidades de escolha, tanto sobre o relacionamento especificamente, quanto sobre as dimensões pessoal e profissional de suas vidas. Estes sujeitos descrevem um maior dinamismo, uma liberdade individual, em âmbito pessoal e profissional.

“Sozinha geralmente compras, ele detesta ir, porque eu gosto de entrar em tudo quanto é loja primeiro pra depois decidir o que eu vou fazer, então ele não gosta muito de ir comigo. Samba, essas coisas que eu gosto muito de ir no samba, no pagode, e ele não gosta desse ambiente, então ele prefere que eu vá sozinho, não gosta de ir. E aí, ele na verdade não faz quase nada sozinho, só trabalhar. Até porque a vida social dele não é assim muito movimentada, então só assim, vai no mecânico, vai no banco, essas coisas corriqueiras assim. E cada um tem a sua vida né, trabalho, banco, contas a pagar, aí ele vai sozinho. Agora essa questão de sair, a gente sempre sai junto, na maioria das vezes.” ((Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

“É... deixa eu ver, às vezes, tipo assim, dois dias na semana ele trabalha à noite, numa escola de TV e vídeo, ele é o câmera da escola, então ele trabalha até umas 23:00 h da noite, então nesse dia eu normalmente saio daqui, vou tomar um choppinho com as minhas amigas, faço uma horinha, depois ele me encontra e às vezes fica mais um pouquinho ou às vezes eu vou embora, e encontro ele lá, entendeu.”(Noivado, mulher, hetero, 28 anos).

“...a gente sempre procura sair pra comer alguma coisa, aí depois a gente se encontra com o pessoal num barzinho pra tomar uma cerveja... Sábado a gente também sempre faz alguma coisa, almoça junto, ou sai a noite, vai no cinema, alguma coisa. Aí domingo ele vai ver jogo de futebol, quando eu posso eu acompanho, porque eu também gosto. Então a gente sai bastante, mas também a gente fica bastante em casa.” (Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

“Assim a gente só sai junto, mas o que acontece, ela tem muitas amigas, eu não tem muitos assim amigos de sair separados... Agora as amigas dela não, são todas tranquilas, todas elas eu conheço e...assim sempre sai junto, a gente junta, tem passeio, tem aniversário na casa de uma, e assim, a gente sempre tá lá. E vamos no shopping junto, vamos pra tal lugar, às vezes a gente vai sozinho, mas acaba convidando uma amiga, aí acaba indo junto.”(Noivado, homem, hetero, 24 anos).

“Ah, juntos e mais no final de semana, né, passear, diversão, mas durante a semana eu tenho minhas coisas, tenho meu trabalho, minha faculdade que eu vou todo dia, e importante para mim, mas eu passo todo dia lá na casa dela, faço as minhas coisas, né, mas vejo ela, assim, eu vejo, dou um passadinha.” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

“Bom, a gente faz bastante coisa separado (...) Então, a gente tem, eu acho que é um relacionamento super normal, eu acho que a gente não tem problema nenhum em termo de...de cobrança, de: Ah! Tem que tá ali, os dois tem que fazer as atividades juntos, eu acho que não. Nosso relacionamento é bem aberto em relação a isso. Quando a gente tem que sair de casal a gente sai, quando não mas, a maior parte do nosso dia a gente passa separado, entendeu? E nos finais de semana, lógico, a gente procura fazer a nossa programação mas, um final de semana ou outro, por ventura, a gente faz um programa só individual” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

Féres-Carneiro [10] ressalta a importância de conciliar as dimensões de individualidade e conjugalidade nas relações amorosas. Para Heilborn [11] os valores que interferem no comportamento e na interação entre os indivíduos estão embasados na singularidade e liberdade individual de cada um.

Entretanto, tais fatores apresentados no discurso de alguns entrevistados também podem estar ligados à independência da mulher na contemporaneidade. A sua entrada no mercado de trabalho não só alterou a representação dos papéis, especificamente no casamento, como na forma como ela se vê frente ao espaço público. Segundo Goldenberg [12], as mulheres voltam-se cada vez mais para o trabalho fora de casa, não só porque isto possibilita atingir um padrão de vida melhor para a família, como também porque o sucesso profissional passou a ser encarado como uma forma de realização pessoal e social.

Com relação às *coisas mais importantes numa relação*, as características que mais apareceram no discurso das mulheres foram respeito, companheirismo e amor.

“A segunda coisa mais importante é o respeito e a admiração que a gente tem um pelo outro... E o amor né, que não pode faltar.” (Noivado, mulher, hetero, 22 anos).

“Acho que é o companheirismo mesmo, ele é muito meu amigo, meu companheiro, o que eu posso contar com ele. Às vezes ele não me entende não sabe (risos), mas ele tá sempre disposto ali a me ouvir, acho que isso me passa uma segurança muito grande.” (Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

Ah... eu acho que...querer as mesmas coisas, é...eu acho que é isso. Tipo assim, tanto eu quanto ele, nós queremos uma pessoa com quem a gente possa contar então eu tô lá pra ele e ele tá aqui pra mim, entendeu. Quando eu falho, ele sustenta, quando ele falha, eu sustento, eu acho...a gente quer as mesmas coisas entendeu. A gente tem o mesmo objetivo. (Noivado, mulher, hetero, 28 anos).

Já no discurso dos homens destacou-se a confiança, o companheirismo, o diálogo e o desejo de formar uma família.

“A confiança. Especialmente a confiança que a gente tem um com o outro, acho que uma coisa que a gente tem. A gente construiu com o tempo uma relação que a confiança é muito legal, importante, tem um valor grande para gente.” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

“Assim...a coisa mais assim...é de nós dois pensarmos em formar uma família, a gente quer a casa da gente, quer os filhos da gente, e assim priorizar a família, é o mais importante, a gente tem esse pensamento.” (Noivado, homem, hetero, 24 anos).

“É, eu acho que como qualquer relacionamento, tem que ter o companheirismo, tem que ter a fidelidade, tem que ter a compreensão. Eu acho que esses são os pontos mais importantes do relacionamento” (Noivado, homem, hetero, 27 anos).

“Bom, o mais importante é sempre ter um diálogo. Tem que ter uma cumplicidade, tem que ter um diálogo. Sem diálogo você não consegue. A pessoa tem que ser muito cúmplice.” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

Homens e mulheres valorizaram igualmente o companheirismo, o diálogo e a confiança no relacionamento amoroso, todavia só na fala de um dos homens entrevistados a constituição de família foi mencionada. Este resultado corrobora dados de pesquisas anteriores, [10][13] nas quais os homens definem casamento como “constituição de família”, enquanto as mulheres o definem como “relação amorosa”.

Com relação ao *dinheiro* os entrevistados homens, assim como as mulheres, relataram não possuir nenhuma dificuldade, disseram que isso não é uma questão no relacionamento, dependendo da situação: quando um não tem, o outro paga.

“No nosso caso é muito aberto, a gente junta o nosso dinheiro todo. Agora principalmente por causa das despesas do casamento, mas antes também. A gente não tem esse negócio de é o seu dinheiro, é o meu dinheiro, entendeu. É o nosso dinheiro, a gente junta tudo e guarda num lugar e quando alguém precisa pega.” (Noivado, mulher, hetero, 22 anos).

“Dinheiro o que eu precisar ele me dá, me empresta, se precisar eu também empresto a ele. O dia que eu quero sair e ele fala que tá duro e eu tenho dinheiro, eu não me incomodo de pagar, porque eu acho que a gente ta numa relação de companheirismo.” (Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

“Na verdade isso aconteceu muito mais naturalmente do que a gente tava esperando... Como tanto ele, quanto eu temos trabalhos incertos, a gente não tem um ordenado fixo, entendeu, eu ganho por trabalho e ele também. Às vezes ele tem e eu não tenho, às vezes eu tenho e ele não tem. Então isso aconteceu muito natural, entendeu. E quando eu quero muito uma coisa, ele me ajuda, e fala, vamos comprar. E quando ele fala preciso disso, eu vou ajudo, a gente á um jeito. A gente nunca teve nenhum desentendimento por causa de dinheiro.” (Noivado, mulher, hetero, 28 anos).

“Dinheiro assim, ela sabe quanto eu ganho, e eu sei quanto ela ganha, e...tipo assim se eu precisar de algum dinheiro, tipo assim, meu pagamento ainda não saiu, eu peço a ela. E ela pode pegar, toma aqui o meu cartão, ela confia assim.” (Noivado, homem, hetero, 24 anos).

“Então a gente usa o meu até certo período e depois o dela até certo período, entendeu? Então na verdade não existe isso, quando eu tenho eu banco sempre, a partir do momento que acabou e eu não tenho mais, não tenho condições de pagar, de gastar com saída e diversão e ela recebeu o salário dela, ela passa a pagar.” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

Foi possível perceber que o dinheiro não representa motivo de conflitos nos relacionamentos dos entrevistados. Essa divisão mais igualitária de pagamento das contas entre homens e mulheres pode ser compreendida melhor a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho. Castells [14] ressalta a conscientização feminina e a inserção da mulher no mercado de trabalho, pontuando que este fator trouxe mudanças significativas nos papéis de gênero nos relacionamentos amorosos.

No que se refere à *vida sexual*, duas entrevistadas destacaram a importância da compreensão entre os membros do casal.

“É muito boa (risos), muito ativa. Ele é muito compreensivo, compreensivo assim, tipo ele é muito atencioso, nem é compreensivo, é atencioso, entendeu, ele nunca passa por cima de mim,

tipo não quero, não quero. Ou eu quero, ele dá um jeito, entendeu, a gente tem muita intimidade.” (Noivado, mulher, hetero, 28 anos).

“Assim ele me compreende muito quando eu quero, ele me respeita quando eu não quero e vice-versa. Apesar que eu nunca recuso (risos), até porque a gente não faz com essa frequência toda. Porque durante a semana não dá mesmo, aí tem que tá saindo pra fazer esse tipo de coisa, porque em casa fica meio complicado.” (Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

Já os noivos homens mostram uma preocupação em não cair na rotina em relação à vida sexual, e também fazem uma separação entre a vida sexual de noivos e de casados:

“Bom, é ativa...nós somos novos, eu tenho 27 e ela tem 25. A gente tem um bom relacionamento, entendeu? A gente sai no final de semana, sai toma um choppinho e depois rola e a gente tenta manter, que isso é super importante, se não, você cai numa rotina, vira uma vida de índio(risos) e aí, você ...isso é uma coisa que a gente não pode deixar cair no nosso relacionamento, isso é um ponto.” (Noivado, homem, hetero, 27 anos).

“Ah, já quando a gente começou a namorar a gente foi ficando mais íntimo. E hoje em dia, assim, agora é uma coisa normal, que a gente faz quando dá, né. Ela mora com os pais, né, eu moro com minha mãe, né meus pais são divorciados. Mas da pra fazer sim quando a gente quer, né, sempre tem aonde. Então, normal mesmo.” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

“É... eu por pensar muito nesse negócio de casamento e tal, assim muitas vezes eu me prendo um pouco, mas ela já é mais ativa, se deixar é toda hora, todo dia, não tem tempo feio pra ela não, não tem dia ruim, ela pode tá sentindo dor, mas ah tô com vontade e...eu muitas vezes falo assim calma aí, calma aí, obsessão (risos), eu falo com ela.” . (Noivado, homem, hetero, 24 anos).

Esta última fala de um noivo, em relação à sua parceira, ressalta as mudanças provenientes da “revolução sexual”, cujo efeito desencadeou uma nova postura da mulher com relação a sua vida sexual, exercendo sua sexualidade, para além dos limites do casamento, em busca do prazer individual [8].

Com relação ao *dia-a-dia da relação*, as respostas foram diversificadas, uma entrevistada disse que, com a proximidade do casamento, eles têm passado muito tempo juntos.

“A gente passa muito tempo junto, principalmente agora com o casamento. Eu tenho ficado muito na casa dele”... (Noivado, mulher, hetero, 22 anos).

Alguns entrevistados frisaram que se falam bastante, mas que só se vêem nos finais de semana.

“Ah a gente se fala todos os dias, sempre que a gente pode, pelo celular, pelo telefone, se ver não. A gente se vê final de semana a gente tá junto, sexta, sábado e domingo e geralmente depende da semana, 1 vez na semana. E mais telefone, toda hora que eu quero falar com ele é pelo telefone, pela internet não mais, nunca mais.” (Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

“A gente só se vê, basicamente, no final de semana. Algumas vezes, durante a semana, mas não é muito comum, até por causa do meu serviço, da faculdade, não tenho tempo... mas, normal. A gente se vê final de semana como todo casal.” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

Outra entrevistada que coabita com o noivo disse que sempre acordam juntos e fazem uma atividade física.

“Normalmente a gente acorda, vai fazer uma atividade física, uma academia, depois a gente dá um mergulho na piscina, fica lá durante uma meia horinha, volta pra casa, toma banho, almoço, eu venho trabalhar e ele trabalha em casa.” (Noivado, mulher, hetero, 28 anos).

Sobre a *relação com as famílias*, a maioria dos entrevistados ressaltou o bom relacionamento com as famílias.

“A família dá muito apoio. No começo minha mãe implicava um pouco né, nem sei por quê. Talvez pelo fato de ele ter sido casado, mas depois ela foi acostumando e hoje ela gosta muito dele, é meu genro pra cá e pra lá. A família dele também me adora, gosta de mim desde o começo. E é tudo muito tranqüilo. É uma relação muito saudável a nossa. Graças a Deus.” (Noivado, mulher, hetero, 22 anos).

“A minha família assim, eu acredito que agora eles tem confiança, minha mãe já falou pra mim que pelo menos ela fica mais tranqüila com esse relacionamento... A família dele eu não sei se eu tenho mania de perseguição, não sei se é muito a favor. Assim me tratam bem, mas eu não vejo uma sinceridade nisso entendeu. Foi a pessoa que ele escolheu pra viver e eles aceitam, mas no fundo, no fundo, na minha opinião, eu acho que não era isso que eles esperavam.” (Noivado, mulher, hetero, 26 anos).

“Tanto a família dele quanto a minha gostam muito da nossa relação, porque tanto ele, quanto eu, somos pessoas assim...que levam estilos de vida alternativos, a gente tem horários alternativos, aparências alternativas, é formas de pensar alternativas. Então eu acho que dentro de um mundo alternativo, a família dele quanto a minha acham que a gente é perfeito um pro outro sabe.” (Noivado, mulher, hetero, 28 anos).

“Ela também se dá muito bem com a minha família, todo mundo gosta muito dela, eles já adotaram ela, assim como de casa. 4 anos assim, às vezes a pessoa fica tanto tempo e não tem um envolvimento com a família do companheiro, ou da companheira, igual a L. tem a com a minha família, quando ela chega, é festa lá em casa. E mesma coisa também é na casa dela, meus parentes chegam lá, os dela, aquela confraternização, o pessoal se dá super bem.” (Noivado, homem, hetero, 24 anos).

“No caso, a família dela é excelente, eu tenho um bom relacionamento. São pessoas que são muito legais. Dos dois lados temos um bom relacionamento, tanto meu com os pais dela e os dela com os meus pais. E tudo muito bom entre a gente.” (Noivado, homem, hetero, 28 anos).

Dentre as mais variadas formas de relacionamentos amorosos da contemporaneidade, foi possível perceber que há, ainda hoje, jovens que preferem as formas ditas “tradicionais” de relacionamentos, como o noivado. Eles acreditam ser importante essa vivência antes do casamento, mesmo que de um modo mais inovador. Dentre os entrevistados deste arranjo, uma mulher e um homem se disseram noivos, no entanto coabitavam com seus respectivos parceiros.

Análises parciais referentes ao arranjo “Poliamor”

O poliamor surgiu na década de 90 como uma nova modalidade de relacionamento amoroso, uma representação paradigmática do amor contemporâneo. Sem ligação com uma identidade sexual particular, esta modalidade específica da não-monogamia é uma orientação de relacionamento na qual se acredita ser possível e aceitável amar muitas pessoas e manter múltiplos relacionamentos íntimos, se houver honestidade quanto a eles e se não for pensada, necessariamente, em termos de relacionamentos sexuais [15] [16] [17]. Tais considerações encontram eco na fala de um dos entrevistados:

“(...) a promiscuidade não tem nada a ver com o poliamor. Por mais que haja promiscuidade dentro dos poliamoristas, o poliamor como eu vejo, e como muita gente vê, é uma coisa consciente. Só que tem gente que confunde, tem gente que embarca na do poliamor. No nível

de você estar fazendo uma coisa, não só no nível sexual, é a nível de emoção, é a nível de toda a sua complexidade é...como ser humano, e não só a nível da sexualidade, de se alimentar sexualmente com várias pessoas, de diversas formas, entendeu. Porque tem até essa nomenclatura, é poliamor, não é polisexo, sem polisexualidade. Mas as pessoas percebem que naquele ambiente há pessoas que têm capacidade pra abertura sexual, então elas se inserem, na tentativa de diversas formas de prática sexual, entendeu”. (Poliamor, homem, hetero, 20 anos)

De uma maneira geral, a análise das entrevistas deste arranjo apontou para o fato de que novas atitudes e comportamentos no que tange ao envolvimento amoroso por parte de homens e mulheres, são vistos como possíveis e desejáveis. Foi possível observar a ênfase na exigência de acordos entre os parceiros da relação. Tais acordos vão desde o número de parceiros sexuais que cada membro poderá assumir (em geral irrestrito), passando pelas concepções de fidelidade e projetos futuros. Contudo, a coexistência de discursos contraditórios e, muitas vezes, conflitantes, apareceu. Um dos entrevistados definiu poliamor como sendo:

“(...) um dos movimentos de libertação do ser humano, dos seus padrões educacionais (...)” (Poliamor, homem, hetero, 20 anos).

O poliamor como modalidade de relacionamento traria para os sujeitos envolvidos diferentes vantagens, como ilustrado nas falas abaixo:

“Agora, em relação à relação poliamorosa, o que faz diferença para mim, é que, muitas vezes, as duas pessoas se completavam, entendeu? Então, para mim, o que eu não tinha numa eu tinha na outra pessoa, então, ficava maravilhoso... Era bom, porque, às vezes, numa o sexo era melhor, já a outra me fazia rir mais... Fazia uma coisa mais alegre... Uma leveza que a outra, de repente, não tinha... Então, era isso, as duas pessoas meio que se completavam. É um ponto que eu achava positivo para mim, assim... Era muito legal, assim”. (Poliamor, homem, hetero, 20 anos)

“(...) Eu falei poxa que legal esse tipo de relação, que não tem possessividade, nem tem essas cobranças nesse ponto de...fidelidade, ciúme, não tem dependência, obsessão, que são coisas que marcam muito a gente, quando a gente tá apaixonada. E, pela primeira vez, eu me sinto, assim, apaixonada sem ter esse peso nas costas, isso é maravilhoso, faz uma diferença enorme, pra todo mundo”. (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos)

É importante notar que os homens poliamorosos, em relação à orientação sexual, apresentaram-se como heterossexuais – embora tenham tido relações sexuais em que outros homens estiveram envolvidos, ressaltaram, contudo, que o contato entre eles não entraria no “acordo”. Em contrapartida as três mulheres assumiram a bissexualidade, porém não descartaram a possibilidade de também estabelecerem relações exclusivamente heterossexuais, mesmo que temporariamente.

“Olha tendo em vista que primeiro tive um namorado homem, depois namorei duas mulheres. Primeiro eu me considerava completamente heterossexual, eu tinha quase nojo assim de mulher. Ai comecei me relacionar com mulheres, fiquei uns três anos com relacionamentos exclusivos com mulheres. Ai conheci esse cara, de repente me considerei completamente heterossexual de novo (risos), né, eu tenho essas fases. E aí depois dele, eu acho que... cansei assim, sabe, de tentar seguir o tradicional, aí eu pirei de vez (...)”. (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos)

“(...) Relação mesmo eu e mais duas mulheres só tive duas vezes as outras foram eu e mais um com uma mulher só. Entendeu então assim pra mim é normal, normal só peço que o cara me respeite e eu respeite ele só não quero que o cara encoste em mim. O restante, normal. Porque se não acho... Nunca aconteceu de ninguém encostar, no caso, em mim mas se o cara encostar eu acho que eu vou perder o tesão vai esfriar tudo então fica tudo ali naquele clima bem gostosinho querendo viver aquele momento. (Poliamor, homem, hetero, 41 anos)

De acordo com Klesse [16], no “Poliamor”, a ênfase no amor, geralmente, vem acompanhada pela diminuição da ênfase na sexualidade. Alguns praticantes, inclusive, preferem o termo “polimorosos” ao rótulo de identidade “bissexual”, já que este último enfatiza o sexo e, apesar de o sexo ser importante, ter muitas relações sexuais não é o objetivo dos poliamorosos. Esta valorização da possibilidade de se manter relacionamentos intensamente íntimos demanda que se acorde explicitamente sobre a não-exclusividade; abrindo, assim, a possibilidade de se realizar todos os diferentes potenciais de um relacionamento.

“... acreditando numa coisa que eu acredito até hoje, que não é porque você ama uma pessoa e sente tesão por ela que você não pode sentir tesão por outra pessoa. Mas que tudo seja feito de comum acordo, que nada passe por cima do respeito e da consideração”. (Poliamor, mulher, bissexual, 33 anos)

“eu acho perfeitamente possível você gostar de mais de uma pessoa ao mesmo tempo... Também, a pessoa que você gosta, pode gostar de mais de uma pessoa (...)”. (Poliamor, homem, hetero, 20 anos)

“(...) É muito mais uma questão de não-propriedade, assim, de achar que só porque você tá numa relação tem que estar só você e a pessoa (...) (Poliamor, mulher, bissexual, 20 anos)

A amizade significa um relacionamento sem molde fixo, onde se negocia, com cada indivíduo, que rumo a relação pode tomar. As fronteiras entre amizade, parceria e relacionamento amoroso são ambíguas, mas importantes para o poliamor.

“Mas eu prefiro com umas amigas minhas, super descoladas que topariam esse tipo de coisa. Tem uma que tá viajando que a gente se chama de namoradinha, porque a gente é amiga que se pega, sabe?(...) Eu prefiro que seja assim, com alguém conhecido porque não vai sair por aí falando o que aconteceu e não vai se envolver (...) Quando ela era casada e eu tava solteira, eu saí com os dois várias vezes, eu dormia na casa dela. Eu acho que tem que ter amizade (...)”. (Poliamor, mulher, bissexual, 33 anos)

Klesse [16] ressalta que para alguns casais, é normal ter sexo com amigos e tal sexualização da amizade pode funcionar em diversas direções: às vezes amizades de longa data podem se tornar relacionamentos sexuais, ou a atração sexual pode marcar o começo de uma amizade, que depois não será mais sexual.

Ao ressaltar as idéias de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, no que tange as temáticas envolvidas na união de um casal, Goldenberg [18] refere-se às inúmeras possibilidades nas relações entre homens e mulheres. Assinala que a ligação entre os pares pode dar-se pela via do amor sexual; por uma amizade que não proíbe a liberdade sexual; assim como a ligação entre os sujeitos que são ao mesmo tempo, amigos e amantes. O arranjo afetivo-sexual de homens e mulheres seria definido pela possibilidade de liberdade e reciprocidade entre os pares.

O discurso das mulheres poliamorosas evidenciou que estas avaliam como coisas importantes, dentro da relação, elementos como amizade, companheirismo, cumplicidade e sinceridade. Enquanto os homens salientaram o cumprimento do acordo, a sintonia entre os membros da relação e o sentimento envolvido.

“Amizade. A primeira coisa que você... Eu sempre tive muita dificuldade com esse negócio de conversar com meus parceiros. Então eu acho que o que mais me atraiu nessa relação foi a amizade que já existia”. (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos)

“O companheirismo, falar sempre a verdade. Eu sei de coisas da vida dele que assim, normalmente me desestimulariam a manter um relacionamento com uma pessoa”. (Poliamor, mulher, bissexual, 33anos)

“A coisa mais importante? A coisa mais importante é que eu amo as três, gosto das três e não quero me desfazer das três não”. (Poliamor, homem, hetero, 41 anos)

Lano & Parry [19] formulam o conceito de “não-monogamia responsável”, se todos os parceiros estiverem cientes e partilharem de um consenso no aspecto não-monogâmico do arranjo do relacionamento. Essa explicação esbarra em dois temas extremamente importantes nos discursos poliamorosos: honestidade e consenso. A honestidade entra aqui como o axioma básico do poliamor.

Outros elementos centrais neste tipo de arranjo são a comunicação, negociação, auto-responsabilidade, emoção e intimidade, sendo todos ligados ao tema dominante da honestidade [16]. O caráter ético do poliamor vem de tais elementos. Às vezes ele não aparece como uma forma distinta de não-monogamia, mas como algo totalmente diferente dela. Em alguns casos, a concepção de um poliamoroso pode envolver, por exemplo, dar o devido valor a cada pessoa e investir em um número limitado e simultâneo de longos relacionamentos, com maior envolvimento emocional, mas não como ambição em ter muitos parceiros sexuais.

Uma das entrevistadas descreve como foi acontecendo seu envolvimento em relações poliamorosas:

“Conversando, perguntando se tinha vontade de ter outra pessoa na relação, ficava só na fantasia, falando, falando, aí a gente resolveu ver como era na prática. E assim, acreditando numa coisa que eu acredito até hoje, que não é porque você ama uma pessoa e sente tesão por ela que você não pode sentir tesão por outra pessoa. mas que tudo seja feito de comum acordo, que nada passe por cima do respeito e da consideração. Pra isso, precisa de muita conversa, precisa que o relacionamento esteja muito bom, muito estável, é o que eu falo, eu divido o que é meu, mas o que eu ainda não sei se é meu, eu não divido. É o que eu falo pro meu namorado atual, a gente tem pouquíssimo tempo juntos e eu ainda não explorei todas as possibilidades sexuais que eu tenho com ele, então assim, vou botar uma pessoa pra dividir comigo o que eu ainda nem sei se é meu? (Risos). Porque eu acho que isso pode ser bom, mas também pode ser ruim porque você tá dando chance, uma chance bem grande até, de as pessoas se envolverem. Ninguém tá imune de se apaixonar por outra pessoa, então, se não tá fortalecido o que você sente, o ciúme e a insegurança se multiplicam por mil, né? (Poliamor, mulher, bissexual, 33 anos)

Para Barker [15], o discurso do poliamor surge tanto como diferente e ameaçador para a monogamia, quanto como normal e similar à monogamia. O discurso da “diferença” reflete a dificuldade que o poliamor tem para ser aceito pela monogamia e constrói, justamente, o que esse arranjo difere como potencialmente melhor ou mais realista que a monogamia. Para os poliamorosos, o poliamor é um modo melhor e mais honesto de se relacionar do que a monogamia, já que muitos indivíduos se sentem atraídos por mais de uma pessoa, e que isso faz os monogâmicos se sentirem ameaçados. Já o discurso da “similaridade” age como um dispositivo normatizador, que serve para aceitação das pessoas poliamorosas como “um outro qualquer”. Os discursos do “diferente” e do “igual” funcionam como forma de se apresentarem como melhores ou mais realistas dos que os monogâmicos, por um lado, e como normais e aceitáveis, por outro.

“(…) a gente tem esse tipo de conceito, porque você foi orientado a ter uma relação monogâmica, que a fidelidade é a questão principal, você fechar apenas com aquela pessoa, mas pela questão social. Eu acho interessante, por exemplo, nessa comunidade do orkut, tem declarações de pessoas que desenvolvem esse tipo de consciência que eu tô falando, que a

mulher, ela foi induzida a acreditar que ela só deseja um homem de cada vez, e os desejos dela, estão relacionados as emoções dela. E na verdade cara, eu não acredito nisso. Se ela conseguir aceitar as coisas, ela vai perceber que ela tem desejo sexual sim, independente da questão emocional, que ela tem desejo não só por um parceiro que ela tem uma história, mas também por outros eventuais. Agora se ela vai realizar o custo disso (...). (Poliamor, homem, hetero, 43 anos)

Na categoria “Poliamor”, uma série de mudanças são apontadas no que concerne à afetividade, sexualidade e relacionamentos. Contudo, alguns discursos se apresentam ainda de forma bastante paradoxal. As escolhas se apresentam com uma face pessoal, como se fossem totalmente desvinculadas do contexto social. Os poliamorosos demarcam a possibilidade de livre escolha e direcionamento de seus desejos e afetos sem impedimentos ou censuras. O que prevalece é a opção pessoal e que cada pessoa deve escolher aquilo que melhor lhe convém:

“Eu vejo como, de uma forma bem liberal, hoje a mulher é livre pra amar, e pra escolher seus parceiros e o homem também pra escolher e também da forma liberal tanto pro... Pro homossexualismo né, pros homossexuais, os bissexuais... O bissexualismo das pessoas hoje tá bem mais liberado do que antigamente (...)” (Poliamor, homem, hetero, 41 anos)

“Ah eu acho que, hoje em dia tá, as pessoas tão aceitando, as formas, outras formas não as tradicionais de relacionamento. Eu tô vendo isso e num tô sentindo assim muito preconceito das pessoas hoje, sobre os relacionamentos né. O pessoal tá muito liberal.” (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos)

“Não, cara, tem hora que eu não consigo assumir que o meu ideal é o poliamor, eu ainda sou preso ao meu padrão cultural, educacional.” (Poliamor, homem, hetero, 43 anos)

Um dos entrevistados demarca de maneira taxativa e estereotipada suas expectativas e sua aversão ao que considera ser a relação monogâmica, situação que desvaloriza em diferentes momentos da entrevista:

“(...) em algum momento, você vai ter um desejo por outra pessoa, e o que eu acho que acontece na maior parte das relações monogâmicas é que você acaba tolindo (sic) o sentimento de desejo... porque você acredita que você tem que estar só com aquela pessoa, sabe? (...) e aí eu acho que é respeitar essa coisa tipo, individual do tipo, eu tenho desejos e aí, por que eu tenho que “toli-los” (sic)? Não preciso... porque geralmente o que as pessoas fazem numa relação monogâmica é isso, você tem alguns desejos, por outras pessoas, mas aí fala “ah, eu não vou fazer isso porque eu tenho meu namorado, minha namorada”, sabe, mas porque você precisa “toli-los” (sic), entendeu? Enfim, é um questionamento, assim. E porque que a outra pessoa vai ficar chateada, porque enfim... você não é propriedade de ninguém, uma pessoa não é propriedade da outra, sabe? (Poliamor, homem, heterossexual, 20 anos)

“(...) O que acontece, esse padrão de amor romântico, esse padrão de monogamia ele é mundial, nem é a melhor palavra...é universal, tanto pra hetero, homo, pra qualquer tipo de ser humano (...)” (Poliamor, homem, hetero, 43 anos)

No discurso dos poliamorosos aparece uma crítica ao modo como as pessoas tradicionalmente se relacionam. Muitas vezes, aparece o termo “relações fechadas” – na qual duas pessoas se uniriam e, assim sendo, não haveria possibilidade de outros participarem da relação – em oposição às “relações abertas”. De acordo com Goldenberg [18] a configuração tradicional de relacionamento afetivo- sexual vem sofrendo inúmeras transformações. Hoje, homens e mulheres precisam *inventar* suas formas de parceria amorosa. É possível a livre escolha de homens e mulheres assim como podem também, mais facilmente, separar-se.

A fidelidade não é uma dimensão super valorizada pelos poliamorosos, ou seja, não a destacam como fator determinante na relação, contudo apontam para a importância de se ter “acordos” e de cumpri-los. Tudo é válido desde que seja conversado.

“A fidelidade é com relação ao acordo que você faz, tá? E isso pra mim é muito importante. Esse acordo varia, mas é a coisa mais importante... porque o que eu busco com o amor livre é a sinceridade, sabe? Então a fidelidade seria respeitar o acordo mútuo feito entre as pessoas da relação.” (Poliamor, mulher, bissexual, 22 anos)

“A questão da fidelidade eu acho que se coloca mais, não como...eu nem sei explicar direito, mas existe uma diferença entre fidelidade e lealdade. E cara eu costumo dizer que fiel é cachorro, porque ele mantém um padrão de comportamento sem questionamento, ele é simplesmente fiel, ele não questiona. E eu sou leal, na verdade eu busco o bem estar daquela pessoa, porque é aquilo que eu te falei você vai ser fiel a qual verdade, você tem que ser leal a alguma verdade, e você só pode ser leal a tua consciência. Então eu tento dentro da minha consciência estabelecer (...).” (Poliamor, homem, hetero, 43 anos)

“Olha é... entendo pelo que eu sei ... né, fidelidade é aquela coisa tradicional de não poder ficar com outras pessoas ou não, num conceito geral. A gente prefere chamar de responsabilidade né, porque... (risos) pra não dar dois nomes à mesma coisa Mas no meu conceito assim, no meu interior, fidelidade mesmo é você não se trair, você fazer o que você gosta e tá afim, não passar por cima de você nunca (...) a gente só tem assim, acordo de responsabilidade. Quando a gente tá junto, a gente tá... mas se eles quiserem ter uma coisa né, além do que a gente tem, então tem que usar camisinha. Esse acordo já tava antes de eu entrar na relação deles, já tava pré-estabelecido.” (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos)

Uma dos entrevistados mencionou fazer uma defesa ideológica do amor livre:

“Eu defendo ideologicamente até o amor livre, com várias questões. (...) eu tenho uma visão de amor livre que é bem aberta, também, assim tipo... eu acho que cada pessoa tem uma noção de amor livre diferente, não sei se teria como definir um padrão de amor livre, assim, não sei (...) Que é o seguinte, que cada um, cada casal ou enfim, duas, três pessoas que queiram se relacionar, eles têm que definir como acordo o que é que é melhor pra eles, o que eles querem ou não daquela relação, e eu acho que pra mim, o amor livre é justamente esse acordo, esse acordo de ter uma possibilidade... porque, o que a gente tem? A gente tem a monogamia, uma relação pré-formulada culturalmente, então quando você se relaciona com alguém você acaba tendendo à monogamia, culturalmente, e aí... eu acho que só o fato de você discutir isso, do tipo estamos nos relacionando, como a gente vai se relacionar? Vai ser fechado, vai ser aberto? Vai ser três... nós três? Eu já tive amigos que se relacionaram tipo, duas meninas e um menino, e eles namoravam, e eram os três monogâmicos. Tipo, dentro dos três, assim... “. (Poliamor, mulher, bissexual, 22 anos)

A diferenciação entre “poliamor” e “relação aberta”, envolvendo aspectos da sexualidade, também foi mencionada por alguns entrevistados, embora a definição desta última seja ainda polêmica e sem contornos claros.

“(...) o pessoal que se intitula relacionamento aberto são casais que têm na verdade um relacionamento fechado, mas que se permitem ter relações sexuais, independentes, estritamente sexuais. Apenas isso, elas não admitem envolvimento emocional, esse é o relacionamento aberto, E você pode estabelecer dentro do seu relacionamento aberto que cada um pode ter sua atividade sexual paralela separada, ou juntos. No poliamor você possui um envolvimento também afetivo”. (Poliamor, homem, hetero, 33 anos)

Alguns sujeitos demonstraram sentir ciúmes mesmo sendo abertos a diferentes parceiros.

“Eu sinto amor pelas três pessoas, né? Eu sinto amor, se eu não sentisse amor eu não tava com ninguém, eu não estaria com nenhuma das três. Porque eu tenho que dizer que sou um cara, como é que eu vou te falar...Eu sou muito carinhoso, sou muito carinhoso, eu sou ciumento demais, parece não mas eu sou ciumento demais, sou carinhoso também demais, né?(...)”. (Poliamor, homem, heterossexual, 41 anos)

“Tem, tem, mas aí mistura tudo. Mas é aquela coisa, dá medo do que a gente vai sentir, mas a vontade de experimentar é maior, supera (...). E tem que ter muita confiança. Os dois têm que saber que aquilo é uma experiência pros dois e não uma oportunidade dele comer mais uma mulher(...). Eu acho que tudo tem que ser muito bem combinado e consciente. Não tem a necessidade de trair, já que eu tô deixando. Já rolou do meu ex-marido querer sair com uma mulher, mas ela não queria fazer comigo junto. Ele me pediu pra sair sozinho com ela e eu deixei, mas eu também saí sozinha com um cara, no mesmo dia. A mesma chuva que chove aí, chove aqui!” (Poliamor, mulher, bissexual, 33 anos)

Em relação à *nomeação do sentimento*, os poliamorosos marcam a importância do envolvimento afetivo, alguns utilizam a palavra amor para designarem seu sentimento pelo parceiro ou parceira. Contudo, existem nuances que indicam haver uma qualidade diferente de sentimento, com ênfase mais marcante, por uma das pessoas com as quais se relacionam.

“Como ela é uma pessoa casada, eu me relaciono com ela e o marido dela. Então, mas meu sentimento mesmo é por ela. O relacionamento é entre nós três e o meu sentimento que eu tenho mesmo, é por ela.” (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos)

“Eu fico só com a C. eu largo tudo e fico só com uma. E as outras eu falo oh: Eu tô aqui pra me divertir e se você quiser se divertir tudo bem, se não quiser... Eu tenho uma namorada eu não... Gosto dela e se você...” (Homem, 41 anos, heterossexual)

“A que é casada eu tenho paixão, e a outra na verdade, ela é uma amiga que eu tenho e tem dentro da nossa amizade atividade sexual, entendeu, a gente tem uma amizade, uma ligação forte. É um tipo de amor, mas não um amor de paixão, nem um amor que sustente uma relação (...) (Poliamor, homem, hetero, 43 anos)

Como mencionado anteriormente, embora a questão do acordo esteja quase sempre presente nas relações poliamorosas, é importante mencionar que, no discurso dos homens heterossexuais entrevistados, se delineou a existência de um sentimento ou afeto excepcional por um de seus parceiros, embora digam nutrir por todos uma certa afetividade. Em razão deste sentimento particular, em relação a um de seus parceiros, o poliamoroso é, muitas vezes, incapaz de partilhar com esse mesmo parceiro a existência dos demais, criando desta forma um “acordo parcial”, que se restringe apenas a alguns dos parceiros.

“(...) eu gosto mesmo da C. (...) então a I sabe da C e da S. A S sabe da I e sabe da C. A C não sabe de ninguém, mas as outras duas tiram de letra, não esquentam a cabeça”. (Poliamor, homem, heterossexual, 41 anos)

Em relação à *participação das famílias*, foi possível observar que cada sujeito estabelece um modo particular de compartilhar com suas respectivas famílias, seus relacionamentos poliamoros. Enquanto alguns discutem abertamente, outros se resguardam, argumentando que as pessoas não entendem ou não aceitam tal posicionamento.

“É meio complicado, assim. Porque com a minha família, com a minha mãe eu sempre... com a minha mãe, meu pai, eu sempre falo... eh, mais com a minha mãe e com o meu pai, não com o resto da família, porque minha família é uma família muito corporativista. É uma família muito

grande, que todo mundo sabe o que acontece na vida do outro. E é mesmo assim, todo mundo é amigo, somos melhores amigos e tal. E aí... com a minha mãe e com o meu pai eu sempre falo tudo. Falo que tô tendo uma relação, eles já sabem que só tenho relações abertas, isso tá muito bem discutido, claro”. (Poliamor, mulher, bissexual, 22 anos)

“(...) não é que você seja omissa, não é que você queira...esconder a sua realidade(...)Eu por falar que respeito a abordagem pelo tema sexualidade, eu sou discriminado, e cada vez... em certos meios, pessoas que são amigas minhas, eu sinto que elas tem uma amizade por mim, só que são casais, casais monogâmicos. E quando eu chego com essa temática, e essa temática é ameaçadora pra elas, elas simplesmente me rejeitam, a energia muda. Tipo você com essa conversa não é bem vindo. Então você não tem condição de desenvolver esse tipo de conversa com qualquer pessoa. Cara a minha família nem sabe praticamente, até porque eu nem tenho família. Cara a minha mãe ela sabe da minha condição, que eu tenho uma namorada, que eu tenho uma amante e que eu tenho uma colega que eu tenho uma aventura sexual com ela. Isso ela sabe, mas ela já falou, que ela não se mete, não quer saber, ela só quer que eu seja feliz”. (Poliamor, homem, hetero, 43 anos)

“(...) pra minha mãe, pros meus pais eu já disse que eu me relaciono com um casal, mais não dei maiores detalhes”. (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos.)

“Minha família? Não sabe. Não conto... Meus pais são falecidos. E para os meus filhos eu não comento nada agora (...)”. (Poliamor, homem, hetero, 41 anos)

Quanto aos *planos para o futuro*, em nenhum discurso poliamoroso aparece uma preocupação dessa ordem.

“A gente pensa muito no presente, acho que esse negócio de viver pro futuro já foi. Gente acaba se iludindo, criando muitos castelos e no fim tudo acaba não sendo como a gente queria. Vivo só pro presente”. (Poliamor, mulher, bissexual, 24 anos)

“Eu vivo o agora, vivo cada minuto um minuto. Não vivo daqui a cinco sei minutos nem vivo mais do passado. O passado já passou já esqueceu, vamos viver hoje que é presente, é assim que eu vivo”. (Poliamor, homem, hetero, 41 anos)

A escolha poliamorosa parece desafiadora e provocativa, mexe e remexe nos padrões estabelecidos, no que costuma ser considerado habitual dentro de uma relação amorosa, fugindo completamente dos parâmetros tradicionais. Para Goldenberg [18] mudar implica riscos e perda de privilégios, levando a questionamentos de imposições sociais e de falsos mitos de felicidade. A autora ressalta que hoje, temos a chance de inventar a vida que queremos para nós e neste processo homens e mulheres saem ganhando, e já não aceitam falsas promessas de uma existência amorosa mais fácil e segura.

O “poliamor” apareceu nas entrevistas como um arranjo conjugal cujo delineamento é bastante complexo. As pessoas nele envolvidas trazem um constante questionamento acerca dos modos tradicionais de relacionamento, bem como buscam uma forma de afirmação de sua escolha amorosa. A dinâmica das relações é tão variada quanto à configuração dos parceiros envolvidos. As relações designadas como “poliamor” vão desde aquelas em que os sujeitos se relacionam com casais, passando por aquelas em que amigos se relacionam intimamente, até aquelas em que os sujeitos se relacionam simultaneamente com diferentes pessoas, sem que estas tenham relação entre si.

Próximas Etapas do Trabalho

Daremos prosseguimento ao trabalho realizando as análises dos demais arranjos conjugais, ou seja, *namoro, casamento, casamento em casas separadas, recasamento e*

coabitação/união estável. Em seguida, faremos as análises comparativas entre os diferentes arranjos, assim como a comparação por gênero e por idade.

Referências Bibliográficas

- 1-BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- 2-GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
- 3- FÉRES-CARNEIRO, T. & ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. Em Terezinha Féres-Carneiro (org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 83-102, 2009.
- 4- HUSSON, F., LÊ, S., & PAGÈS, J. **Analyse de données avec R**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009.
- 5- ESCOFIER, B. & PAGÈS, J. **Analyses factorielles simples et multiples: objectifs, méthodes et interprétation**. Paris: Dunod, 2008.
- 6- FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.
- 7- JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- 8- GOLDENBERG, M. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- 9- CHAVES, J. C. **“Ficar com”**. Um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- 10- FÉRES-CARNEIRO, T. Pesquisa e prática clínica: construindo articulações teóricas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 3, p. 349-355, 2008.
- 11- HEILBORN, M. L. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- 12- GOLDENBERG, M. De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. Em: Goldenberg, M.P.(Org.). **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, p.105-124, 2000.
- 13- MAGALHÃES, A. S. **Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo**. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, PUC- Rio, 1993.
- 14- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, vol. 2, 1999.
- 15- BARKER, M. This is my partner, and this is my partner’s partner: constructing a polyamorous identity in a monogamous world. **Journal of Constructivist Psychology**, v.18, p.75-88, 2005.
- 16- KLESSE, C. Polyamory and its ‘others’: contesting the terms of non-monogamy. **Sexualities**, v.9, n.5, p.565-583, 2006.
- 17- ANAPOL, D. **Polyamory: the new love without limits**. São Rafael, CA: IntiNet Resource Center, 1997.
- 18- GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.1, n. 1, 89-104, 2001.
- 19- LANO, K e PARRY, C. Preface. Em K. Lano e C. Parry (org.). **Breaking the barriers to desire**. Nottingham: Five Leaves Publications, 1995.